

EM crise da Universidade

Brasília (Sucursal) — Uma experiência inovadora, nascida dos princípios que criaram a Universidade de Brasília, sofreu sério abalo este ano, quando 28 alunos, entre os quais filhos de parlamentares, foram expulsos do Centro Integrado de Ensino Médio, num reflexo de crise mais antiga, que começou na Universidade, quando faltou o diálogo e professores foram demitidos.

O brasiliense acompanhou a crise, sofrendo o impacto das expulsões e a angústia dos boatos de paralisação completa da experiência, que tinha como sustentáculo de seus princípios os lemas **Liberdade com Responsabilidade e Diálogo Franco**.

OS CAMINHOS DA LIBERDADE

Os debates que surgiram, inclusive no Congresso Nacional, faziam cerradas críticas contra o Diretor-Adjunto do CIEM, padre Marconi Freire Montezuma, sendo que o Deputado Paulo Macarini o responsabilizava pela deflagração do movimento. Era o principal responsável, diziam. Poucos se lembraram que o Diretor de fato e de direito era o Professor José Aluisio Aragão. Mas numa análise mais profunda, também não seria ele o culpado.

A crise do CIEM, entende um seu ex-professor, é um desdobramento da crise que atingiu a Universidade de Brasília em outubro de 1965. Nessa época, 200 professores da UNB se afastaram, em solidariedade a outros que tinham sido demitidos. Nessa relação de 200 constavam vários professores do CIEM.

O professor afirma que até outubro de 1965 não tinha havido crises no CIEM. A filosofia de integração entre alunos e professores, base para aplicação da reformulação estrutural e didática que se pretendia no ensino médio era plenamente respeitada. Dentro de uma liberdade de ação, dada com firmeza pela diretoria, os alunos mantinham-se dentro dos limites de responsabilidade, porque acima de tudo não queriam desrespeitar os mestres, que se impunham pela capacidade intelectual, didática e cultural.

REBELDIA DIDÁTICA

Com a admissão de novos professores para ocupar a vaga deixada pelos que se afastaram, surgiram os problemas. Os estudantes, sentindo-se prejudicados com a queda do nível do corpo docente, tomaram a iniciativa de romper com a filosofia do diálogo, numa rebeldia que entenderam perfeitamente justa.

Nessa rebeldia, a direção atual do CIEM pretendeu, inclusive, descobrir ligações subversivas, principalmente com a Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília. A Comissão de 14 professores, criada para apurar o grau de indisciplina dos alunos, fez perguntas nesse sentido, procurando descobrir a cor ideológica do protesto.

HISTÓRICO

Mas, se houve subversão ideológica no colégio, não partiu dos alunos, e sim de quem não compreendeu que o CIEM era um simples dado a mais dentro de uma experiência de reformulação do ensino médio do País.

Para se compreender como a experiência se atrofiou em curto prazo é preciso buscar as idéias de sua criação.

Em 1963, os Professores Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira entendiam que o nível cultural dos vestibulandos era muito baixo. As causas dessa deficiência estavam, obviamente, na sua má preparação anterior: nos ensinos médios e primário. Compreenderam então que só uma mudança estrutural e didática completa poderia formar o novo estudante, preparando-o para enfrentar o vestibular e, conseqüentemente, o curso superior.

A PRIMEIRA ETAPA

O Centro Integrado de Ensino Médio seria a primeira experiência. No início, reduzida ao ensino médio de 2.º grau e mais tarde, estendida a todo o ensino médio, e, em seguida, ao primário e jardins de infância. Uma reformulação geral. Dentro desse plano, estruturaram o projeto de uma Faculdade de Educação, dentro da Universidade de Brasília, que formaria professores não viciados com o espírito da escola tradicional. Os alunos da Faculdade de Educação, paralelamente às aulas teóricas, fariam o aprendizado prático, lecionando no Centro Integrado de Ensino Médio e escolas primárias.

Este projeto, feito em 1963, seria implantado de cima para baixo, a começar com a Faculdade de Educação, que seria dirigida pelo Professor Anísio Teixeira, e com o segundo ciclo ginásial, primeira etapa do CIEM, sob a direção do Professor Lauro de Oliveira Campos, cassado pela revolução.

No entanto, somente o segundo ciclo foi implantado, começando a funcionar em maio de 1964, sob a direção do Professor Aragão.

CORPO ESTRANHO

Três anos e meio após, a experiência se atrofiou no seu

isolamento. Já não é mais uma etapa na continuidade de um ensino inovador. Tornou-se um corpo estranho, que, tentando resistir ao novo fluxo do tradicional, entra em crise. Os princípios de integração entre corpo docente e discente, mantidos pela estrutura inovadora, perdeu sua razão de ser. A escola se tradicionaliza e o autoritarismo retorna.

O Diretor-Adjunto, Padre Montezuma, presidia uma reunião da 3.ª série, no dia 25 de outubro, quando a aluna Hileana Pinto Menezes (que não era da terceira série) entrou na sala. O padre pediu que ela saísse. Ela saiu e sugeriu aos colegas que fosse feita uma "análise da vida pregressa do padre". A aluna foi expulsa, sumariamente, sem ter direito a defesa.

Os alunos se reuniram e enviaram ao padre um documento pedindo-lhe reconsideração no seu ato. Ele achou uma insolência o pedido, dizendo que o Conselho de representantes não tinha autoridade para isso.

Quatro meses antes, durante os festejos juninos, o padre elogiava os alunos, enviando-lhes uma menção de louvor, na qual falava de sua "indizível satisfação de registrar e enfatizar as atitudes sobremaneira corretas, impecáveis e sensatas dos estudantes. Suas atividades, o tipo de liderança e o bom-senso demonstrados, levam a direção a certificar-se de que sempre mais e maiores créditos de confiança devem ser outorgados".

No dia 27, o padre aceitava dialogar com os alunos. Mas se confundiu com algumas perguntas e teve um desmaio. Resolveu diante da crise que se armava, suspender as aulas por algum tempo, até o dia 6 de novembro.

Nessa época, os alunos já lamentavam que a escola estivesse regredindo para uma estrutura tradicional, marcada pelo ritmo autocrático da direção.

Mas o Professor Aragão, pensava ao contrário. Dizia: "O CIEM é um centro de renovação pedagógica, de aperfeiçoamento do ensino, de experimentação de novos métodos e técnicas de trabalho na área da educação de segundo grau".

O padre criou então uma comissão para apurar o grau de indisciplina dos alunos, amparado por um "crédito de confiança" dado pelo corpo docente.

O Deputado Raimundo Boga disse na Câmara que a comissão de professores se transformou num inquérito policial, em que menores de 18 anos foram intimados a depor até mesmo sobre suas posições, tendências e pensamentos ideológicos.

O Professor Aragão, no entanto, dizia "considerando que o principal fundamento de todo o mérito é a liberdade e que, por isso mesmo, as ações realizadas ou deixadas de realizar sob coação são destituídas de valor intrínseco e qualquer pedido da educação da pessoa humana, o CIEM, não vai instituir quaisquer dispositivos de coação e fiscalização de seus alunos".

CONTRADIÇÕES DO PADRE

No dia 17 de novembro, o Consultor-Geral da República, Sr. Adroaldo Mesquita da Costa, reuniu-se com a comissão de pais dos alunos expulsos, e com o Diretor-Adjunto do CIEM, padre Montezuma, que reafirmou na oportunidade que se demitiria do cargo se o Reitor não homologasse sua decisão. Até agora, o Reitor não homologou sua decisão, permitindo, inclusive, que os alunos fizessem os últimos trabalhos para menção.

Neste dia, o Professor Hélio Amorim divulgava uma nota dizendo que retirava seu nome de uma lista de professores que apoiaram os "atos passados, presentes e futuros do padre". E nove outros professores fizeram o mesmo, encaminhando ao Reitor o documento no qual diziam que "não conheciam o passado do padre e não iam se responsabilizar pelos seus atos futuros".

No dia 27 de novembro, o Reitor da Universidade de Brasília solucionava parte dos problemas, determinando a volta às aulas de todos os alunos, para que pudessem concluir o ano letivo fazendo os exames finais. Determinava também que se continuasse o estudo da situação, para resolver o caso dos alunos excluídos.